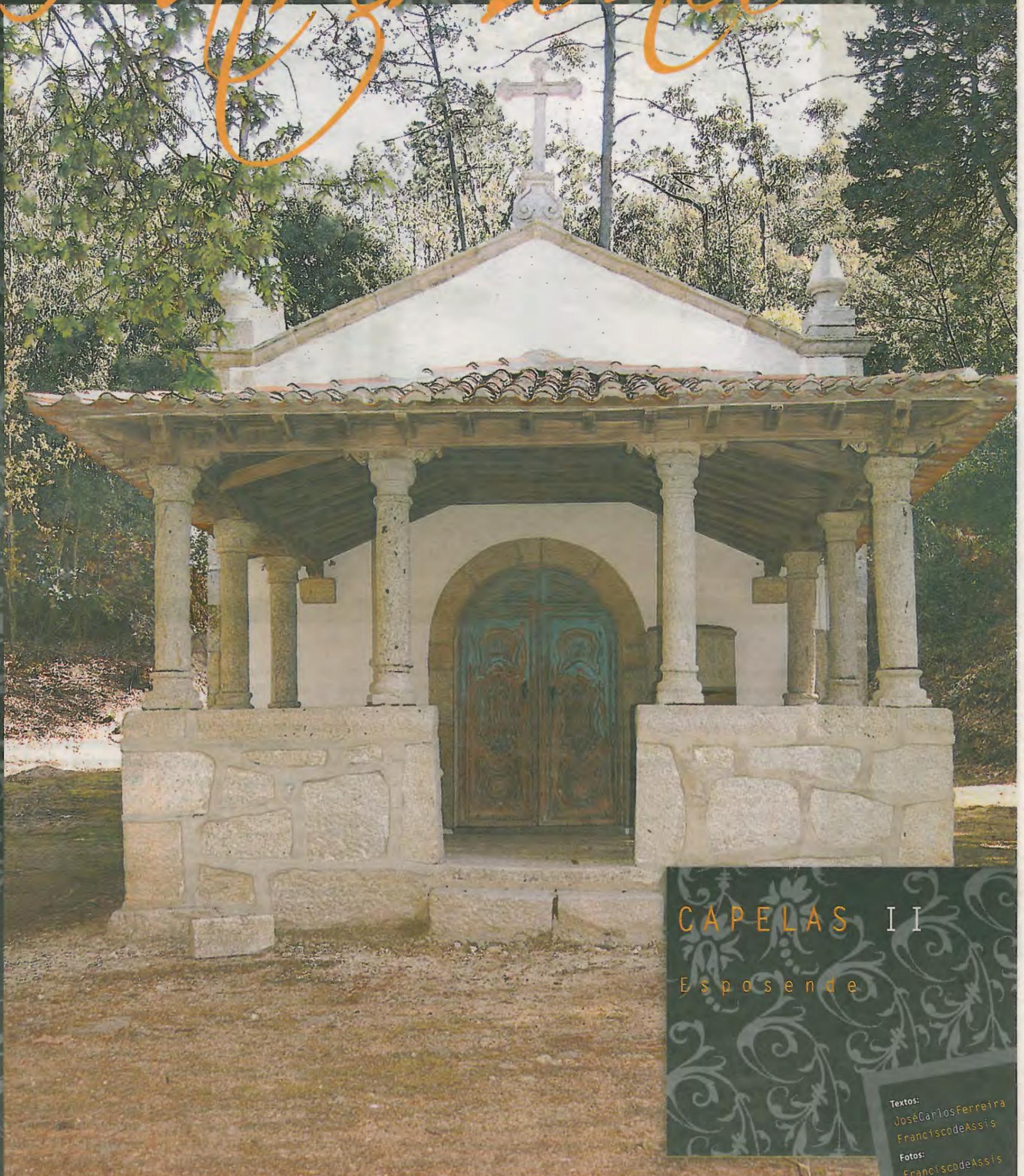


28 DE MARÇO DE 2008  
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28087 de 26 de Março de 2008, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

# Património



CAPELAS II

Esposende

Textos:  
José Carlos Ferreira  
Francisco de Assis  
Fotos:  
Francisco de Assis



## Introdução

Esta é a segunda edição do suplemento "Património" Capelas de Esposende. Depois das ermidas da cidade, onde estamos em São Paio de Antas, com "Capelas II", numa edição onde vão estar em destaque a Capela de Santa Tecla, Capela da Senhora dos Remédios, Capela de São Cristóvão e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, todas antiqüíssimas.

A Capela de Santa Tecla é, a mais antiga de São Paio de Antas e, provavelmente, uma das mais antigas de Esposende. As primeiras referências são das Inquirições Afonsinas de 1220. Recentemente foi intervenção, como se nota pelo alpendre.

Outra das capelas muito antigas são as capela da Senhora do Remédio e de São Cristóvão, ambas já referenciadas no século XVI.

A linda Capela de Nossa Senhora do Rosário, da Casa de Belinho, também é do século XVI. Nos últimos tempos, ganhou notoriedade, não tanto pela devoção, mas principalmente porque passou para as mãos dos familiares do poeta e escritor António Corrêa de Oliveira, o primeiro português a ser nomeado o Prémio Nobel da Literatura.

A capela é também tumular. Foi adaptado esse fim e, tanto o seu fundador, como Corrêa de Oliveira e alguns familiares estão ali sepultados. Foi no alpendre, bem arranjado e aconchegado que escreveu grande parte da sua obra literária.

Em S. Paio de Antas, a capela de Santa Tecla é a mais antiga de toda a freguesia, havendo já referências a este pequeno templo em documentos datados do século XIII.

Segundo Adélio Torres Neiva, na sua obra "S. Paio de Antas Sua História Sua Gente", as fontes históricas co-

# Capela de Santa Tecla é a mais antiga de S. Paio de Antas



> A fundação da capela de Santa Tecla é desconhecida, sabendo-se, contudo, que já existia no século XIII

nhecidas não permitiram até agora saber-se em que data precisa a capela de Santa Tecla terá sido fundada. Contudo, salienta, ela «já existia em 1220, pois dela nos falam tanto as Inquirições de D. Afonso II como as de D. Afonso III».

Assim, nas Inquirições de 1220 pode ler-se "Et est ibi quedam heremita de Sancta Tecla, et est inde médium Regis sicut de villa", e nas de 1258 afirma-se que "a meyadade da eclesia de Sancta Trega est reguenga d'el Rey".

«Por aqui ficamos, portanto, a saber que, nos princípios do século XIII, dois séculos apenas após a criação da igreja paroquial [de S. Paio de Antas], já a capela de Santa Tecla existia e que metade da capela era propriedade do Rei. A capela naturalmente situava-se numa povoação ou vila que está na sua origem», sustenta o investigador.

Estas são as primeira referências que se conhecem sobre a capela de Santa Tecla e, curiosamente, entre os séculos XIII e XVI volta a haver um período obscuro sobre o qual nada se sabe acerca deste pequeno templo.

Adélio Torres Neiva refere que data do final do século XVI «uma leva-

ferência no Assento da igreja de S. Paio de Antas» que «mal chega para nos dizer que a capela ainda estava viva, quando um grupo de "homens bons" por ali andou a tomar apontamentos de teres e haveres à igreja pertencentes».

«Em 1644, há uma informação irritantemente discreta – o levantamento do cruzeiro que ainda hoje se conserva. De facto, este cruzeiro mostra-nos esta data, mas mais nada nos diz das circunstâncias que o fizeram levantar», acrescenta.

#### Capela a necessitar de obras no séc. XVIII

Já nos inícios do século XVIII, o Livro das Visitações dá-nos conta que a capela de Santa Tecla estava a necessitar de obras, tendo recebido, em 1699, duas grandes ofertas em dinheiro para esse fim. Em 1770, afirmava o visitador ter tido conhecimento que Francisco da Silva, de Belinho, tinha recebido quatro mil réis para «reparo» da capela e que este se mostrava renitente em dar a verba, «necessitando a dita capela de ser retelhada e rebocada e de ter um missal que lhe falta».

Em 1717, as obras não estavam concretizadas e, por isso, o visitador

insistia na concretização dos trabalhos. «A capela de Nossa Senhora d'Agra e de Santa Tecla necessitam de todo o reparo mui principalmente em seus telhados, e porque pertencem à freguesia e não tem outro administrador particular os fregueses desta freguesia as mandem reparar de todo o necessário de sorte que fiquem capazes de nelas se poder celebrar e quando assim o não façam na visita futura ficarão as ditas capelas suspensas para nelas se não dizer mais missa», escreve o visitador.

Já em 1736 continua-se a verificar que as obras não foram concretizadas, com uma novidade, ou seja, a existência da Confraria de Santa Tecla, cujos oficiais são acusados pelo visitador de não cumprirem a ordem de realizar os trabalhos, uma situação que continuaria a verificar-se em 1741.

Segundo Adélio Torres Neiva, em 1760 esta capela surge com a designação de Santa Tecla das Areias e, em 1767, o visitador dá conta que foi encontrar o pequeno templo a servir como "casa de campo", afirmando o seguinte: "O R. do Pároco conta para a sua mão da chave da

capela de Santa Tecla das Areias por me constar se utilizam dela para recolhimento fazendo dela casa de campo».

Ainda no mesmo capítulo, o visitador ordena que "os [oficiais] da capela de Santa Tecla mandarão pôr um sino nela de grandeza que se ouça para com ele tocar à missa, umas portas novas, dourar o cálix e patena da mesma e comprar ao menos duas palas de linho".

«Em 1773, a capela não precisava senão de pequenos ajustamentos», afirma Adélio Torres Neiva, citando o visitador, que escreveu no Livro das Visitações: "Os oficiais de Santa Tecla mandarão por conta dos rendimentos e esmolas da mesma Santa uma pedra de Ara das da fábrica da Santa Sé Primaz no altar da mesma Santa e pintar o portal e consertar a casula e pôr uma cruz com imagem decente no mesmo altar".

De 1782 a 1812, o Livro das Visitações dá-nos conta que esta capela voltou a ter necessidade de obras, principalmente, aos níveis do telhado e das paredes que foram sendo sucessivamente adiadas. Só em 1845 o visitador refere que a capela estava "segura e decente", realçando existir nela uma Confraria.

# Imagem de Santa Tecla

## ligada à lenda do penedo

A construção da capela de Santa Tecla, à luz da história, é ainda um mistério por descobrir, não se sabendo em que ano terá sido erguida. Contudo, o povo, para ultrapassar esta lacuna, associou-lhe a lenda do seixo ou penedo de Santa Tecla, situado na margem do rio Neiva, mesmo chegado à água, entre a Tomadia e a Pesqueira. Segundo esta lenda, que é contada por Adélio Torres Neiva, no seu livro "S. Paio de Antas Sua História Sua Gente", «a imagem de Santa Tecla veio do mar, talvez numa das grandes marés de Agosto, e entrou pelo rio Neiva dentro, vindo a aparecer em cima da pedra seixa», deixando a marca do seu pé gravada nessa pedra.

O povo, quando encontrou a imagem decidiu retirá-la daquele local e transportou-a em procissão até à igreja matriz de S. Paio de Antas. No entanto, no dia seguinte, a imagem de Santa Tecla já não estava na igreja, tendo sido encontrada novamente junto ao rio, no mesmo local onde fora descoberta.

«Então o povo, já seu devoto, levanta-lhe uma pequena ermida no local onde hoje está a actual capela e entroniza lá a sua imagem», conta Adélio Torres Neiva. Mas, surgia um novo problema. A ermida tinha a sua porta virada a Sul e, por isso, «a imagem milagrosamente aparece, de novo, em cima do seu penedo», acrescenta.

Assim, prossegue a lenda, as pessoas, que se tornavam cada vez mais devotas de Santa Tecla, levaram de novo a imagem para a pequena ermida que tinham construído, mas virando a porta para o Nascente.

«A imagem é posta no seu altar e, no dia seguinte, aparece virada para o mar, para ver o seu penedo. Então, o povo, sabendo o que ela queria, virou a ermida novamente e, desta vez, para o mar, assim como está actualmente», relata Adélio Torres Neiva. «A imagem ficou voltada para o rio, e o penedo que lhe serviu de pedestal continua a velar pelo povo desta terra que lhe soube fazer a vontade, como ela desejava», acrescenta. Segundo o investigador, «Santa Tecla é a Santa de Gilheta». «Longe como está da igreja paroquial, Gilheta volta-se para a sua capelinha e cobre-a de mimos. Cobrir é uma maneira de dizer, mas não há dúvida que em Santa Tecla todo o cristão de Gilheta tem lá um bocadinho do seu coração», salienta.

### Festa de Santa Tecla é ancestral

Tal como a capela, também a devoção a Santa Tecla é ancestral. Apesar



> A capela ficou virada para o local onde apareceu a imagem

das referências a estas festividades datarem do século XVIII, a verdade é que esses relatos dão a entender que esta era já uma festa bastante enraizada nos costumes locais que se celebrava no primeiro dia do mês de Agosto.

Um desses textos é aquele que foi redigido pelo pároco de S. Paio de Antas a 25 de Abril de 1758, para as Memórias Paroquiais.

Pelas "Memórias Paroquiais" «ficamos cientes de que a capela pertencia "aos moradores da freguesia", que Santa Tecla era advogada das maleitas e que, em geral, às capelas de S. Paio "não acorriamromeiros distantes, se bem que houvesse nestas povoações vizinhas muita fé em Santa Tecla que têm por advogada das sezões de que muitos têm conseguido admiráveis feitos" e, «um dos clamores da freguesia das Marinhas era precisamente a Santa Tecla, no 1.º de Agosto, sem missa», afirma Adélio Torres Neiva.

O investigador realça ainda que, pelo Livro das Visitações, no capítulo referente à visitação de 28 de Junho de 1780, fica-se a saber claramente que era costume fazer-se a festa anual de Santa Tecla no primeiro domingo de Agosto. Contudo, o visitador deixou ainda uma repreensão pelo facto de esta festa não se realizar há já alguns



> Altar mor da capela de Santa Tecla



> Capela de Santa Tecla possui um característico alpendre

anos, pedindo para se retomar o costume antigo. Neste capítulo lê-se o seguinte: "A gloriosa Santa Tecla há anos que seus oficiais tem perdido o zelo de lhe fazerem a sua

festa anual na freguesia que seus antepassados lhe costumavam fazer, nem menos tem dado contas do seu recibo e despacho aos R. dos Visitadores, como são obrigados,

desde o ano de 1775 exclusive até o presente por cuja razão mando que façam a sua festa no 1.º domingo de Agosto como era costume e pelas contas darei prova no livro delas".

QUINHENTISTA ERMIDA DA CASA DE BELINHO

# Capela da Senhora do Rosário

## inspiradora para Corrêa de Oliveira

**A** Capela de Nossa Senhora do Rosário, da Casa de Belinho, na freguesia de S. Paio de Antas é uma das mais belas ermidas do concelho, apresentando-se em razoável estado de conservação, apesar de algum aparente abandono. Na actualidade, esta quinhentista ermida tumular é famosa não tanto pelo seu orago ou pelas romarias, mas principalmente pelo facto de pertencer aos familiares do poeta e escritor António Corrêa de Oliveira, o primeiro português a ser nomeado para Prémio Nobel da Literatura.

Basta ler o que escreveu Adélio Torres Neiva, no livro "São Paio, sua história sua gente": «recolhida, mais afeita ao silêncio dos pinhais que à confusão das visitas, não espereis que ela venha ao vosso encontro. É preciso mesmo ir ter com ela. Mais habituada à confidência que ao milagre, a capela tem mais coisas para ouvir do que para dizer (...) a gente ali, sente-se ao colo da mãe: é uma capela que só tem coração», refere, num tom poético.

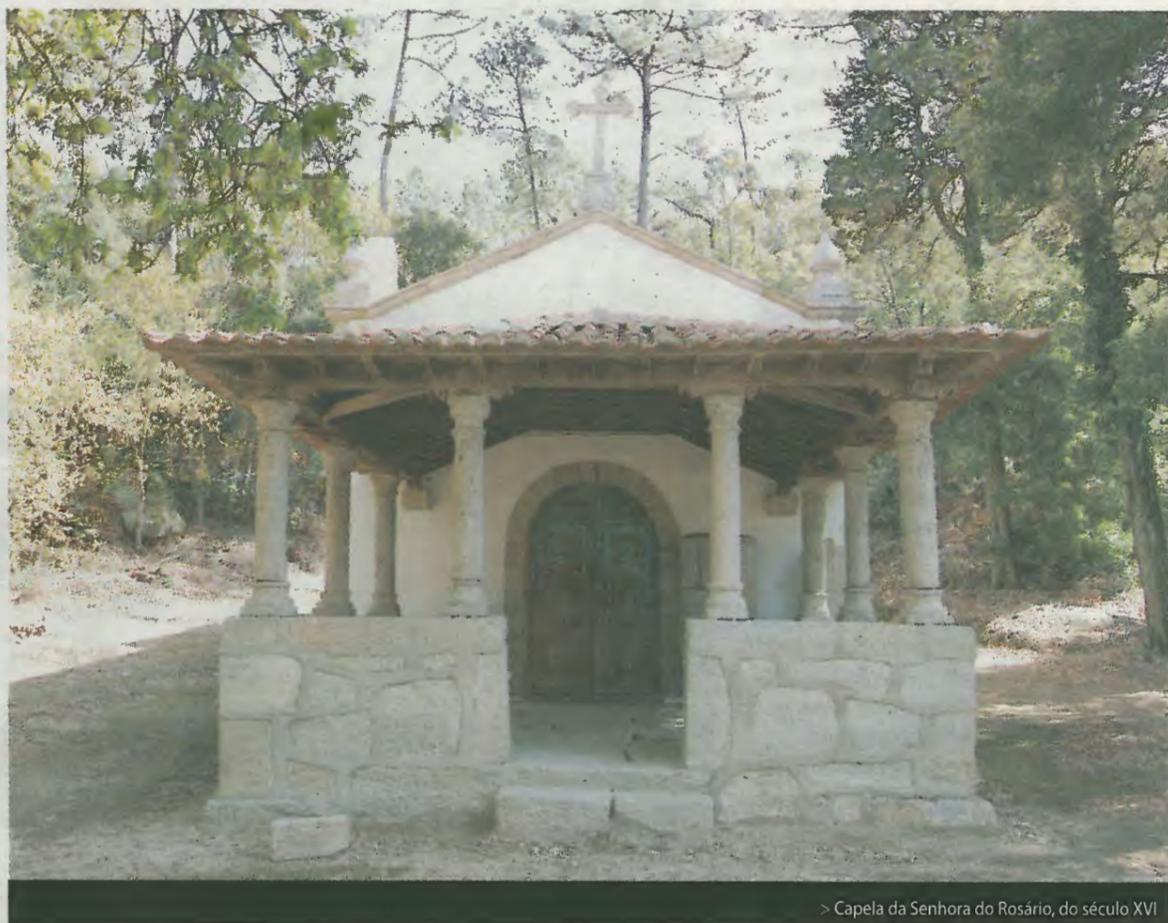
Aliás, acreditamos nós que a capela tenha sido a inspiradora do poeta António Corrêa de Oliveira. Textos que lhe valeu uma nomeação para Prémio Nobel da Literatura em 1945, entretanto ganho por Gabriela Mistral, pseudónimo de Lucila Maria del Perpetuo Socorro Gogoy Alcayaga. É um facto que não foi galardoado, mas a vencedora reconheceu que o galardão poderia ser entregue ao autor de obras como "Verbo Ser e Verbo Amar", 1926; "Ladainha", a sua primeira obra, em 1897; "História Pequena de Portugal Gigante", 1940, entre outras. Regressando à capela, desconhece-

-se a data da sua fundação. No entanto, como refere Adélio Torres Neiva, é certo que em 1592 já estava pronta, a julgar por documentos entretanto encontrados, onde se diz que a referida ermida «estava pronta e acabada com perfeição bastante e suficiente para nela se poder dizer missa». Outro dado interessante é o conhecimento dos seus primeiros proprietários: D. Paulo da Cunha Sottomayor e a sua esposa D. Garcia de Faria. De referir, aliás, que o documento encontrado no Arquivo da Casa de Belinho é muito claro, não deixando dúvidas não só que se tratou de uma capela edificada já com o orago definido pela devoção que o casal tinha a Nossa Senhora do Rosário.

Falando da sua localização, A. Nuno Correia de Oliveira, escreveu o artigo para a classificação da capela, onde acrescenta um dado interessante do ponto de vista arqueológico. Isto é, que este pequeno mas muito antigo templo religioso fica situado no Monte da Cividade. O traçado da estrada para Belinho separou a capela da Casa de Belinho, deixando a ermida ainda mais isolada.

### Capela aberta à comunidade

Segundo o autor da monografia "São Paio de Antas, sua história sua gente", um dos primeiros cuidados do fundador, Paulo da Cunha e Sottomayor, foi dotar a capela de meios de sobrevivência, isto é, uma "Fabrica". Para isso, fez lavrar uma escritura em seu próprio nome e no da sua mulher, onde deixava, entre outras coisas, dez leiras, de «modesta produtividade», mas que rendiam



> Capela da Senhora do Rosário, do século XVI

20 alqueires de pão. A execução da escritura ficou a cargo do então vigário da freguesia, padre Diogo Afonso, tarefa cumprida no dia 20 de Janeiro de 1593. Como se pode constatar, pouco mais de um mês depois da conclusão da capela. O pedido de licenciamento para nela se dizer missa foi pedido ainda em Dezembro de 1592. Juntamente com petição do proprietário, foi enviada uma certidão do pároco, dando conta das boas condições da ermida. «E assim, declaro, eu, Diogo

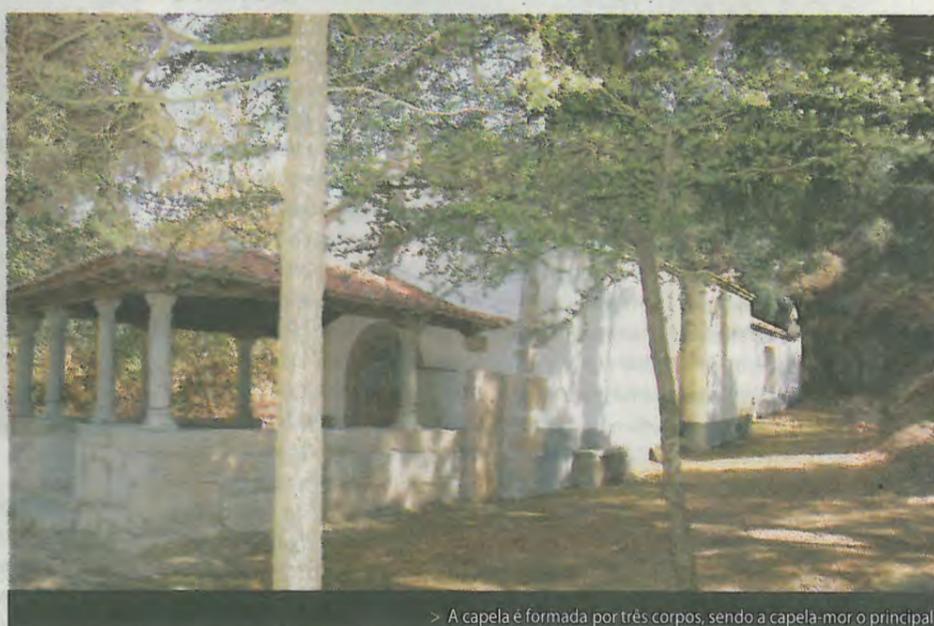
Afonso, vigário da igreja de S. Paio de Antas, que esta ermida tem vestimenta e frontal e pedra de ara, e corporais e missal, e galhetas e cálix e de tudo muito bem ornada de todo o necessário e toalhas», referiu, num texto com data de 22 de Janeiro de 1593.

Os argumentos devem ter sido tão convincentes que, 15 dias depois, a 6 de Fevereiro, a arquidiocese de Braga respondia positivamente às pretensões dos requerentes. No texto "A Capela de Nossa Se-

nhora do Rosário da Casa da Belinho", escrito por A. Nuno Correia D'Oliveira, o autor mostra que a capela, embora privada, foi sempre aberta à comunidade. Por um lado, a sua centralidade, aliada às más condições das estradas, que dificultavam as deslocações dos fiéis tanto para a igreja paroquial de S. Paio como para a igreja de Belinho; por outro lado, a confraria de Nossa Senhora do Rosário foi aberta a toda a comunidade local. Sobre esta confraria, falaremos na página seguinte.



> Bancos do alpendre, local muito frequentado pelo poeta da Casa de Belinho



> A capela é formada por três corpos, sendo a capela-mor o principal

ERMIDA É SEPULTURA DO POETA CORRÊA DE OLIVEIRA

# Capela de estilo renascença continua a ser panteão de família

A Capela de Nossa Senhora do Rosário, da Casa de Belinho, também conhecida como casa do poeta António Corrêa de Oliveira continua a ser um panteão de família. Um estatuto raro nos dias que correm, mas que vem de há cerca de cinco séculos. Para ser mais preciso, desde o tempo do seu fundador Paulo da Cunha Sottomayor.

No "memorandum" escrito por A. Nuno Correia de Oliveira, para o pedido de classificação da casa e da capela, este familiar explica que, desde o seu fundador que, por desejo expresso, «nela foi sepultado, que os seus descendentes aí fizeram seu panteão. Esta tradição tem-se mantido ao longo de 11 gerações que a legislação em vigor prevê (artigo 149.º do CRC) e, em particulares condições, autoriza», explica.

Nuno Correia de Oliveira explicita que, além do "poeta de Belinho e sua esposa D. Maria Adelaide da Cunha Sottomayor, senhora da Casa e herdeira dos seus instituidores, estão ali sepultados outros familiares como o filho mais velho, José Gonçalo da Cunha Sottomayor Corrêa de Oliveira, um bisneto, entre outros. Recorde-se que Corrêa de Oliveira nasceu em São Pedro do Sul, em 1878, mas fez da Casa de Belinho, em São Paio de Antas, a sua residência e morada eterna, depois da sua morte, em 1960.

A propósito da classificação da capela e da Casa de Belinho, sabe-se que foi pedida em 1983, mas tanto quanto nos foi possível apurar, não há ainda qualquer resposta. Aliás, consultámos o site do Instituto de Gestão do Património (IGESPAR), antiga IPPAR, bem como a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e não encontramos qualquer ficha de classificação ou em vias disso. Ou seja, pelo menos não consta qualquer processo "online". O que não quer dizer que não haja em papel. Certo é que o património estará protegido, tendo em conta que, uma vez pedida a classificação, se não houver uma recusa, fica automaticamente protegido.

No texto enviado à antiga IPPAR, Nuno Correia de Oliveira analisa assim a capela: «local de oração e recolhimento religioso, tem sido também fonte de inspiração a poetas, pintores, prosadores e filósofos. A beleza natural que a envolve e um indefinível halo de espiritualidade explicam e justificam a sua escolha para mote de criação artística e intelectual».

Através das "Memórias Paroquiais de 1758" ficou-se a saber que, nesse ano, a capela era administrada por



> Portão da Casa de Belinho, casa do poeta Corrêa de Oliveira



> O púlpito é de forma cilíndrica, feito na mesma época da capela

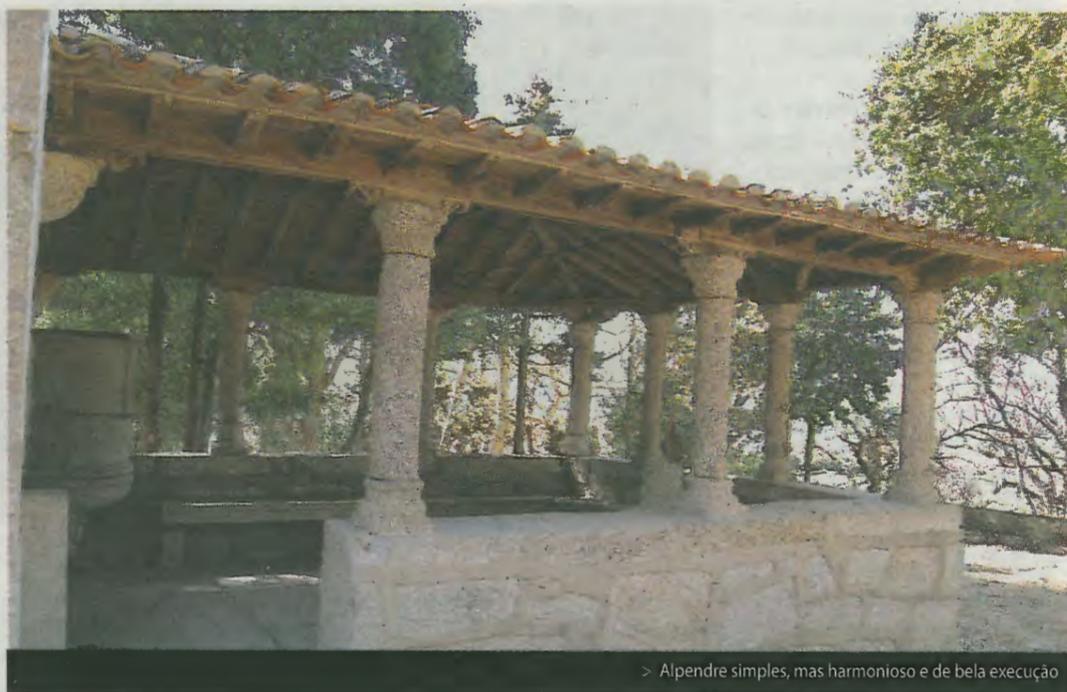
«Jozé da Cunha de Souto Maior da villa de Vianna que hé sua Quinta de Belinho que tem ao citado [...] cidade do seu morgado dos Cunhas da ditta Vianna e está a dita ermida no lugar de Belinho».

## Simplicidade e beleza do alpendre e púlpito

Ao aproximar-se da capela, de estilo renascença, salta à vista a harmonia e beleza do alpendre, de extrema simplicidade, sustentado por oito colunas de granito, «que se apoiam sobre um balcão em volta do qual corre, interiormente, um banco de pedra», realça Nuno Correia de Oliveira. À sombra do alpendre, sobressai um púlpito de forma cilíndrica, muito interessante, da mesma época da capela.

Este pequeno templo está dividido em três corpos, como explica o autor do "memorandum". Dá-lhe acesso uma porta em arco de volta inteira de pura traça quinhentista que serve de moldura a duas pesadas portadas em castanho de estilo joanino».

A capela-mor está separada do corpo central por um arco de volta inteira. À entrada está a pedra tumular do fundador e sobre esta pedra está o "ossarium" do pan-



> Alpendre simples, mas harmonioso e de bela execução

teão familiar. Sobre o altar, Nuno Correia de Oliveira e Adélio Torres Neiva, no livro S. Paio de Antas, sua história sua gente, coincidem na descrição. Isto é, um altar em talha dourada dos finais do século XVII, tendo no topo o brasão de armas da família Cunha Sottomayor em talha policromada».

Correia de Oliveira acrescenta que no altar, em lugar de honra, está uma imagem policromada da padroeira, Nossa Senhora do Rosário, do século XIX. Como referimos na página anterior, a devoção a Senhora do Rosário tornou-se popular para as gentes das freguesias de Belinho e S. Paio de Antas desde a cria-

ção da confraria em 15 de Fevereiro de 1614. Por ser uma capela aberta e próxima das duas comunidades tornou-se um local de muito culto e devoção.

À porta da capela foi colocada uma pedra de arma, pouco exuberante, do fundador Cunha Sottomayor.

O PRIMEIRO ORAGO FOI A SENHORA DA PIEDADE

# Capela da Senhora dos Remédios

## remonta aos finais do século XVI

A capela de Nossa Senhora dos Remédios, no lugar da Bouça dos Engenheiros, à beira da estrada em direcção a Belinho, é bastante antiga. A investigação de Adélio Torres Neiva mostra que a capela já existia em 1590, isto é, finais do século XVI, numa altura em que muitas ermidas foram edificadas em acção de graças ou para pedir protecção. O investigador lembra que é dessa época a maior parte das capelas do Norte de Portugal, «muitas delas nascidas de votos e promessas provocadas pelas epidemias em que o século XVI foi pródigo no nosso país». De facto, é sintomático o nome Senhora dos Remédios, de que há muitas invocações na região, ou Senhora da Piedade. Aliás, o nome primitivo desta capela era Senhora da Piedade. Através de leituras de documentos antigos como o Arquivo Paroquial das Antas o autor da publicação "São Paio de Antas, sua história sua gente" concluiu que «a capela da Senhora dos Remédios foi fundada pelo padre António Dias, da freguesia de Belinho, no ano de 1590, que, para a sua fábrica, a dotou de todo o necessário para o ornato e veneração dela».

Uma informação que, esclarece, foi conseguida por via indirecta, uma vez que, no Registo Geral da Sé, não encontrou qualquer referência à fundação da ermida.

De facto, foi através de uma carta do século XVIII, de 1721, dirigida ao pároco de S. Paio de Antas, que ficou esclarecida uma série de pormenores importantes sobre a capela e a sua fundação.

Depois da edificação, há um vazio em termos documentais. As informações só são retomadas no século XVIII, em 1715, com os livros das visitas. Nesse ano, a capela ainda era referida como «Senhora da Piedade chamada dos Remédios».

Aliás, Adélio Torres Neiva mostrou na sua publicação que, em 1734, a capela já tinha o nome actual. «A capella chamada de N.ª S.ª dos Remédios que em outro tempo hera de Nossa Senhora da Piedade», lê-se no "Livro de Visitas" desse ano.

### Capela esteve suspensa de funções

Um dos aspectos muitas vezes realçados neste suplemento é o rigor dos visitantes. Eram figuras, padres ou bispos, mandatados pela arquidiocese, para tomar o pulso às condições das igrejas ou capelas. Isto é, procuravam inteirar-se das condições da casa de Deus, as al-



> Capela da Senhora dos Remédios, antiga Senhora da Piedade



faias religiosas, enfim, a decência e o respeito nas celebrações. Os visitantes são conhecidos como pessoas rigorosas e severas, caso as suas recomendações não fossem levadas a sério, podendo mesmo suspender a devoção ou aplicar pesadas punições.

Numa visita em 1717, apesar de ter sido avisado, o administrador da capela ousou não comparecer. Uma «falta de cortesia», que o visitante não perdeu e, certamente por outros motivos ligados à conservação do templo, ordenou a suspensão e que

nenhum sacerdote se atrevesse a dizer missa, «sob pena de excomunhão maior "ipso facto"». Entretanto, o administrador se terá retratado e a suspensão foi levantada no ano seguinte.

No segundo quartel do século XVIII, os administradores da capela são constantemente alertados para a necessidade de fazer obras. Destaque para a visita de 1734 em que o visitante obriga a feitura de uma nova imagem, de «quatro palmos, pintada e estofada com todo o primor, e juntamente reformar o retábulo da dita capela, ou pôr-lhe um

novo», além de duas toalhas de pano de linho para o altar. Recomendações que devem ter sido levadas a sério. No entanto, essa imagem já não existe. Poderá ter sido aquela que caiu nas festividades da padroeira em 1897. Nesse mesmo dia, um filho da terra, residente no Porto, prontificou-se a custear uma imagem nova, promessa cumprida um ano depois. Actualmente, no trono de honra está Nossa Senhora de Fátima. No altar estão pequenas imagens, aparentemente antigas. Em Janeiro de 1750, o visitante ameaça «sequestrar» os bens da

capela, caso não fossem feitas obras, nomeadamente levantar as paredes em quatro palmos e reboco interior e exteriormente.

Em 1758, a capela era administrada por Francisco Dias Chiquinho, como se pode constatar pelas "Memórias Paroquias de 1758". O muro da capela será de 1777.

Adélio Torres nota que, a partir da década de 50 do século XVIII, a capela terá sido mais bem cuidada. O último proprietário conhecido foi D. Cândida Areia Ferreira, sobrinha e herdeira do padre António Dias Ferreira.



> A capela foi construída no final do século XVI

# Capela de S. Cristóvão

## é uma «janela virada para o mar»

A capela de S. Cristóvão, segundo o autor de "S. Paio de Antas Sua História Sua Gente", é o templo mais pequeno de toda a freguesia, parecendo «uma janela virada para o mar». «Ali chegam as ondas e o vento Norte e avista-se toda a veiga ribeirinha entre a Póvoa e Viana», acrescenta Adélio Torres Neiva.

Segundo este investigador, a capela de S. Cristóvão, situada no monte de Belinho, fazia parte da quinta da Portela e terá sido feita mais para ver do que para ser vista, uma vez que, no seu interior, pouco há para se admirar.

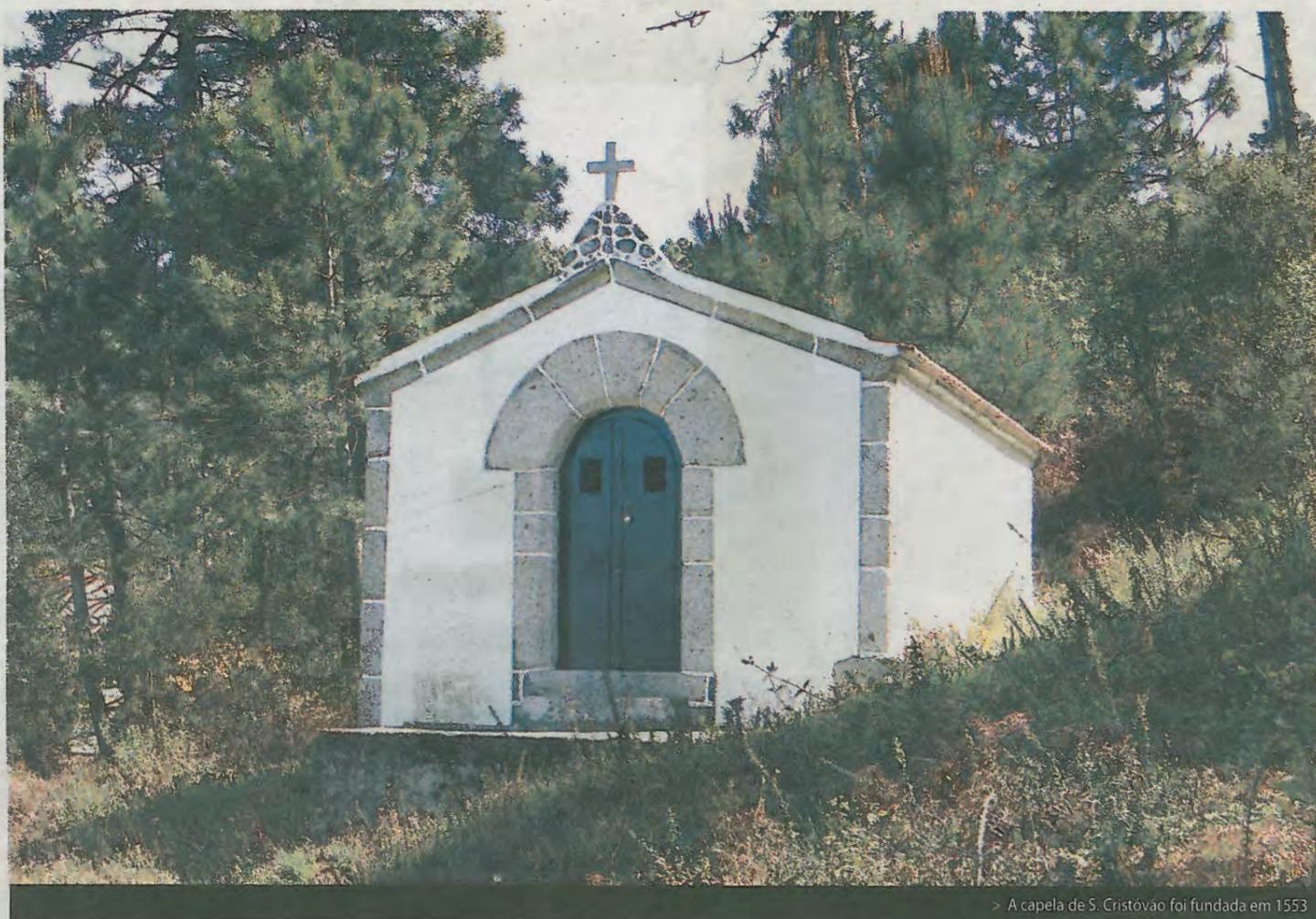
Para Adélio Torres Neiva, este pequeno templo terá sido fundado no século XVI. «Estou convencido que a capela de S. Cristóvão não é senão a capela da Senhora da Portela, fundada em 1553, pelo proprietário da quinta, padre António Barbosa, nessa data abade de Santa Leocádia de Geraz do Lima», sustenta.

Segundo refere, o sacerdote, que foi vigário da freguesia de S. Pedro Fins de Belinho e também abade da igreja paroquial de S. Martinho de Balugães, por ser muito devoto de Nossa Senhora, mandou fazer, a 7 de Junho de 1553, na Portela uma ermida "de onze côvados de comprimento e de largo sete côvados". No documento da fundação desta capela, que foi descoberto por Franquelim Neiva Soares no Arquivo Distrital de Braga, o padre António Barbosa comprometia-se a dotar a ermida do que fosse necessário, deixando-lhe um campo que era sua propriedade em São Bartolomeu do Mar e que rendia nove alqueires de trigo.

«Parece por demais evidente que esta Portela da "freguesia de Belinho" não é senão a Portela do lugar de Belinho da freguesia de S. Paio de Antas e a fundação da capela estaria naturalmente ordenada à instituição do morgado da Portela», defende Adélio Torres Neiva. No entanto, acrescenta o investigador, o problema que fica por resolver é como e quando esta capela terá mudado de Senhora da Portela para S. Cristóvão.

### Primeira referência a S. Cristóvão

Tendo em consideração o trabalho realizado por Adélio Torres Neiva, a primeira referência documental a esta capela após a sua fundação em 1553 surge a 15 de Agosto de 1715, no Livro das Visitações e, «nesta altura, a capela não conhece outro nome senão o de S. Cristóvão». Neste capítulo, o visitador mandava que se colocasse um re-



> A capela de S. Cristóvão foi fundada em 1553



> O oratório em pedra foi colocado em 1978



> A capela é um excelente miradouro

tábulo e que se abrisse uma fresta com vidraça, obras que não foram atendidas pelo administrador, que estava a pensar em mudar o pequeno templo de local, uma vez que, no ano seguinte, o novo visitador lamentava que as ordens não tivessem sido acatadas. Em 1733, a capela de S. Cristóvão encontrava-se em estado de degradação ao nível do telhado. Uns anos mais tarde, em 1751, o visitador afirmava mesmo ter visto o "deplorável estado" da capela, realçando que ela necessitava

de "portas capazes e seguras", de um "altar com mais grandeza", de um "supedâneo" para se celebrar, de "ser rebocada por dentro e por fora", e "temperados os telhados".

Como isto não foi realizado pelo administrador, verifica-se que nas visitações dos anos seguintes repetem-se as exigências e as ameaças ao proprietário. Em 1773, o estado da capela estava de tal forma degradado que o visitador mandou mesmo que se reconstruísse o templo, escrevendo: "Visitando

a capela de San Cristóvão a achei em miserável estado e ameaçando à ruína as paredes dela pelo que mando que o administrador dela a reforme a fundamentis e depois lhe mandar fazer um retábulo e frontal e pôr uma imagem e um crucifixo decente no altar".

«Cerca de 20 anos mais tarde, em 1795, as notícias que temos da capela já não são tão preocupantes. Esta não precisava senão de uma mão de tinta e de ser provida do material necessário para nela se poder celebrar a Santa Missa», afir-

ma Adélio Torres Neiva.

Com o andar dos anos, esta capela, integrada na quinta da Portela, foi passando de geração em geração, tendo a totalidade da propriedade sido vendida em 1887 a Domingos Luís Eiras de Meira Torres.

Nesta nova família, verifica-se uma nova sucessão de proprietários até que, em 1957 herdou a capela Manuel Rodrigues Lapeiro Júnior que, a 17 de Maio de 1978, lhe colocou um oratório de pedra trabalhada no altar, que veio de Guilheta, de junto da casa do Frade.



No interior da capela de S. Cristóvão existe uma sepultura sobre a qual nada se sabe. Nela apenas está inscrito "RIP" e a data 1635, ficando por saber quem ali foi sepultado.



O cruzeiro junto à capela de Santa Tecla apresenta a data de 1644, não havendo informação sobre qual o motivo que o levou a ser erguido pela população.



O cruzeiro que se encontra perto da capela da Senhora dos Remédios é o antigo cruzeiro paroquial de S. Paio de Antas. A transferência realizou-se em 1898, por iniciativa do padre Ledo, com a autorização do pároco, padre Bento.



A capela da Senhora do Rosário é panteão familiar, uma tradição que se tem mantido ao longo de 11 gerações. Para além do fundador, nela estão sepultados o poeta António Corrêa d'Oliveira e a sua esposa Maria Adelaide da Cunha Sottomayor Corrêa d'Oliveira.



A capela de Santa Tecla é referida nas Inquirições de D. Afonso II, em 1220, e de D. Afonso em 1258, onde se declara que metade deste pequeno templo pertencia ao rei, ficando-se, assim, a saber da sua existência no século XIII.



A capela de Santa Tecla fica situada na margem do rio Neiva. O local foi transformado num espaço de lazer, com a colocação de mesas, que pode ser usufruído pelas famílias.